

Michael Part

O PAPA

QUE AMA O FUTEBOL

A inspiradora história do menino
que se tornou o Papa Francisco



valentina 

O PAPA QUE AMA O FUTEBOL

Michael Part

O PAPA

QUE AMA O FUTEBOL

Tradução

HELOÍSA LEAL


valentina

Rio de Janeiro, 2014

1ª Edição

Copyright © 2013 by Sole Books

TÍTULO ORIGINAL
The Pope who Loves Soccer

CAPA
Raul Fernandes

FOTOS DE CAPA E CONTRACAPA
Serviço Fotográfico de L'Osservatore Romano

FOTOS DO MIOLO
Página 31: Reuters/Cortesia de Maria Elena Bergoglio/Handout
Página 51: Reuters/San Lorenzo/Handout
Página 114: Reuters/San Lorenzo/Handout

DIAGRAMAÇÃO
editoriarte

Impresso no Brasil
Printed in Brazil
2014

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P276p

Part, Michael

O Papa que ama o futebol / Michael Part; tradução Heloísa Leal. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Valentina, 2014.

116p. : il. ; 21 cm.

Tradução de: The Pope who loves soccer
ISBN 978-85-65859-40-0

1. Francisco, Papa, 1936- . 2. Papas – Biografia. I. Leal, Heloísa. II. Título.

14-14945

CDD: 922.21
CDU: 929:2-725

Todos os livros da Editora Valentina estão em conformidade com
o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA VALENTINA
Rua Santa Clara 50/1107 – Copacabana
Rio de Janeiro – 22041-012
Tel/Fax: (21) 3208-8777
www.editoravalentina.com.br

A minha mãe e meu pai.

Sumário



CAPÍTULO 1	<i>DUAS CHEGADAS</i>	9
CAPÍTULO 2	<i>DOIS CONTINENTES</i>	15
CAPÍTULO 3	<i>CAMISA NÚMERO 4</i>	23
CAPÍTULO 4	<i>O ANO MAIS INCRÍVEL DE TODOS</i>	33
CAPÍTULO 5	<i>O TORCEDOR</i>	39
CAPÍTULO 6	<i>DUAS CIDADES</i>	49
CAPÍTULO 7	<i>AULAS DE CULINÁRIA</i>	61
CAPÍTULO 8	<i>COISAS DA IDADE</i>	71
CAPÍTULO 9	<i>SOMOS TODOS IGUAIS</i>	79
CAPÍTULO 10	<i>DUAS CONFISSÕES</i>	91
CAPÍTULO 11	<i>ACEITO</i>	99
CAPÍTULO 12	<i>UM PAPA</i>	107
EPÍLOGO	113
AGRADECIMENTOS	115

Capítulo 1



Duas Chegadas

O transatlântico *Principessa Mafalda*, tendo zarpado há duas semanas de Gênova, Itália, é jogado entre as ondas, à deriva, o eixo da hélice de estibordo despedaçando-se nas águas turbulentas do litoral do Brasil. O eixo finalmente se solta, girando e abrindo grandes rombos no casco. Uma onda monstruosa atinge o navio, engolfando-o...



Em algum lugar do outro lado do Atlântico, nas primeiras horas da manhã, o Cardeal Jorge Mario Bergoglio, arcebispo de Buenos Aires, dormia em sua poltrona num Boeing. Quando as rodas do avião tocaram a pista do aeroporto de Fiumicino, ele acordou. Havia aterrissado em Roma, depois de voar a noite inteira. A Igreja Católica Romana o convocara ao Vaticano para formar um conclave com outros cento e quinze cardeais do mundo inteiro, a fim de eleger um novo papa, o líder da Igreja Católica. Quando todos os cardeais do mundo se reúnem, eles formam o Colégio de Cardeais. A eleição de um novo papa é uma grande notícia, que o mundo inteiro acompanha com interesse.

Duas semanas antes, Bento XVI – Joseph Ratzinger –, papa anterior e amigo do cardeal, abdicara inesperadamente. Sentia que não tinha mais condições de cumprir com seus deveres, devido à idade avançada. Essa era a primeira vez que um papa abdicava desde Gregório XII, em 1415.

O cardeal deu uma olhada no relógio. Eram nove e meia da manhã do dia 3 de março de 2013. Fazia muito tempo que não dormia até uma hora dessas. Para ele, já era o meio do dia,

pois costumava acordar pontualmente às quatro e meia. Esticou as pernas e seus pés bateram na poltrona da frente. Quando a Igreja o chamou a Roma, ofereceu-lhe uma confortável poltrona na classe executiva, mas ele preferiu uma na classe econômica. “Doem o restante do valor para os pobres”, instruiu-os. “Eles precisam mais do dinheiro do que eu de uma poltrona confortável.” Ele nunca viajava com as vestes cardinalícias, e usava uma batina preta clerical.

Em Roma, ainda fazia frio. O cardeal vestiu um sobretudo preto. Mal podia esperar para chegar à cidade e caminhar no meio do povo. Seus pais, Mario e Regina, eram do Norte da Itália, e ele aprendera a falar o idioma fluentemente em pequeno, graças à avó, Rosa.

★ ★ ★ ★ ★

Rosa Bergoglio andava de um lado para o outro diante do marido, Giovanni, e do filho, Mario, que estavam sentados em um divã na sala do apartamento de quarto andar da família em Buenos Aires. Era o dia 17 de dezembro de 1936. Mario se pôs de pé, nervoso, quando ouviu a esposa, Regina, gritar.

— *Ela está morrendo?* — perguntou.

Sua mãe, Rosa, fez com que ele voltasse a se sentar.

— *Não, Mario. Ela está dando à luz. Dê-lhe um tempo.*

Giovanni Bergoglio deu um tapinha nas costas do filho.

— *É isso que acontece quando um bebê chega. E não se esqueça: “Deus traz um pão para cada bebê”.*

Mario assentiu, respeitoso.

— *Você ficou nervoso quando eu nasci, papai?* — perguntou.

Rosa lançou um olhar para Giovanni, que se sentiu encolher sob seus olhos vigilantes.

— *Eu estava no meio do mato.*

— *Ele foi dar uma volta* — explicou Rosa. — *Não aguentou o calor.*

Mario riu e Rosa deu um sorriso carinhoso para o marido.

— *Ela tem razão* — continuou Giovanni. — *Não aguentei, mesmo.*

Então, um bebê chorou no outro quarto, e Rosa, Giovanni e Mario se entreolharam. Rosa assentiu, sorrindo. Nem assim qualquer um deles disse uma

palavra, até que a parteira surgiu segurando o recém-nascido de Mario. O bebê chorava a plenos pulmões, seu berreiro ecoando entre as paredes da casa.

— Parabéns! É um menino! — anunciou. — Regina gostaria de chamá-lo de Jorge Mario — acrescentou, colocando o bebê nos braços do pai.

Mario pegou o filho recém-nascido, olhou para os pais e disse:

— Será que é cedo demais para levar Jorge à sua primeira partida do San Lorenzo?

Todos riram.



Capítulo 2



Dois Continentes

Enquanto esperava na fila da alfândega, o cardeal abriu sua valise preta para se certificar de que estava com o breviário de orações em dois volumes, a agenda, a carteira e a passagem de volta. As pessoas acreditavam que o novo papa provavelmente seria um italiano ou um norte-americano. O cardeal não esperava ser eleito papa. Para ele, não haveria mais chances depois que, em 2005, ficara em segundo lugar, perdendo para o amigo, o Papa Bento XVI. Esperava voltar para Buenos Aires a tempo para a Semana Santa. Tinha escrito

uma homilia durante o voo e queria muito lê-la para o seu rebanho.

Mas havia um velho provérbio que seu pai, Mario, costumava dizer para ele e seus outros irmãos quando davam como certo o desfecho de uma situação. Explicava que era uma adaptação de algo que o grande Albert Einstein dissera uma vez:

Quer ver Deus rindo? Faça planos.



Em 1927, Mario Bergoglio, pai do cardeal, então um rapaz de apenas vinte e um anos, sacolejava no assento de sua charrete, aproximando-se do porto da cidade italiana de Gênova. Quando chegou às docas, puxou as rédeas com força. “Ferma!”, gritou para o velho cavalo, que, satisfeito, estacou bruscamente. Viajara durante um dia inteiro desde Portacomaro, sua comuna nas montanhas, a cem quilômetros ao norte, no Piemonte.

Mario saltou da charrete. Dirigiu-se apressado ao prédio da companhia de viagens marítimas Navigazione Generale Italiana, tirou o chapéu e entrou.

Mario sentou-se diante do agente de viagens, que o olhou de alto a baixo, observando bem suas roupas. Pelo visto, havia algo errado. O agente verificou seus papéis. Tornou a olhar para ele. Mario se remexeu na cadeira, desconfortável.

— Lamento, mas todos os camarotes do Princesa Mafalda já estão reservados — informou o agente, por fim.

— Mas a minha família fez reservas há meses — argumentou Mario, levando a mão ao bolso interno do paletó e tirando um papel, que desdobrou e empurrou sobre a mesa para o sujeito.

O agente pegou o papel sem se abalar, deu uma rápida olhada nele e o empurrou de volta para Mario.

— Pelo que vejo aqui, o valor das passagens está muito baixo — disse, batendo com o dedo no papel. — Alguém cometeu um equívoco. Essa cabine foi reservada por um valor muito superior. Próximo — chamou o agente, esticando o pescoço para a família que estava na fila atrás de Mario, indicando que era a sua vez.

— Mas será que o senhor não teria alguma acomodação disponível em outra classe? — insistiu Mario, recusando-se a levantar da cadeira.

— Eu já disse. O Principessa Mafalda não tem mais acomodações. Em qualquer classe — frisou o agente. — **PRÓXIMO!**

Mario ficou profundamente abatido. Sonhava com o dia em que deixaria sua cidadezinha e viajaria para o Novo Mundo. Em Buenos Aires, seus tios prosperavam. Na Itália, era o tempo das vacas magras. Estava difícil para os Bergoglio se sustentarem. Ele não via qualquer futuro na cidade de Portacomaro. E não podia se imaginar vivendo sob o jugo de um ditador fascista, Mussolini, que governava o país com mão de ferro. Mal podia esperar para ir embora.

Mas agora... todos os seus sonhos haviam sido desfeitos.

Duas semanas depois, Mario José Bergoglio entrava correndo na casa da família em Portacomaro. Seus pais, Rosa e Giovanni, punham a mesa para o jantar. Mario jogou o jornal em cima da mesa, diante dos dois. A manchete era uma das maiores que já tinham visto, o tamanho do tipo geralmente reservado para os fins de guerras e assassinatos de governantes. Mas, dessa vez, um naufrágio o merecera:

PRINCIPESSA MAFALDA AFUNDA!

Rosa abraçou Giovanni, os três olhando para a manchete do jornal sobre a mesa. Nenhum deu uma palavra por um bom tempo. Por fim, Rosa reconheceu:

— É um milagre.

Giovanni olhou para o filho e concordou:

— Mamma tem razão.

Os Bergoglio levaram mais dois anos até terem condições de emigrar para a Argentina. Chegaram a Buenos Aires, a capital, em fevereiro de 1929. Rosa Bergoglio, que, apesar do calor, vestia um elegante casaco com gola de pele, foi a primeira da família a descer do navio, o Giulio Cesare. Depois dela veio o marido, Giovanni, e o filho do casal, Mario. Um dos carregadores ficou com pena de Rosa e se aproximou para ajudá-la com as malas. “Gostaria que eu também levasse seu casaco?”, perguntou, fazendo menção de pegá-lo. Ela se afastou: “Não, senhor, obrigada. Estou bem assim”, respondeu em espanhol perfeito. O carregador deu de ombros, pegou as malas e seguiu andando com os colegas. Os Bergoglio os acompanharam até um carro que aguardava para levá-los a sua nova residência.

Ficaram assombrados com o prédio de quatro andares que se erguia no meio de uma rua movimentada. Por insistência do filho, Rosa entrou na

cabine do elevador, hesitante, mas, uma vez lá dentro, não soube o que fazer. Nunca vira um elevador antes, muito menos andara em um. Até agora.

— Ufa! — exclamou ao sair no quarto andar. Na mesma hora tirou o pesado casaco e fez algo estranho. Em vez de pendurá-lo, espalhou-o sobre a mesa da cozinha. Mario, Giovanni e seus irmãos trouxeram a bagagem e a empilharam na sala, sem lhe prestar atenção.

Rosa tirou um facão do suporte de facas que havia na bancada e, sem hesitar, abriu a costura do forro de seda do casaco. Em seguida, levantou-o da mesa e sacudiu-o. Como que num passe de mágica, milhares de notas de lira se derramaram sobre a mesa da cozinha. Quando ela terminou de sacudir o casaco, jogou-o num canto sem cerimônias.

— Pensei que ia morrer quando desci daquele navio — disse, rindo. — Estava um calorão!

Giovanni, seus três irmãos e Mario caíram na gargalhada.

★ ★ ★ ★ ★

O cardeal recordou o som das risadas em família quando ainda era um menino crescendo

em Buenos Aires. Soava como música para seus ouvidos. Agora, estava de volta ao Velho Continente. Roma. Roma ficava no Velho Mundo, e Buenos Aires no Novo Mundo. E ele se sentia em casa nos dois.